



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

O CRISTIANISMO E A NEGAÇÃO DA VIDA

CAMPINA GRANDE

2016

JILLYANE DE SOUZA EPAMINONDAS

O CRISTIANISMO E A NEGAÇÃO DA VIDA

Artigo apresentado ao corpo docente do curso de Licenciatura Plena na Universidade Estadual da Paraíba para obtenção do grau de licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira

Orientador: Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira

CAMPINA GRANDE

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

E63c Epaminondas, Jillyane de Souza
O cristianismo e a negação da vida [manuscrito] / Jillyane de Souza Epaminondas. - 2016.
20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira,
Departamento de Filosofia".

1. Cristianismo 2. Valores de Decadência 3. Jesus Cristo 4.
Transvalorização I. Título.


21. ed. CDD 230


JILLYANE DE SOUZA EPAMINONDAS

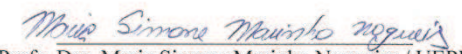
O cristianismo e a negação da vida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 25/05/2016.


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Examinadora

RESUMO: O artigo seguinte busca apresentar de forma reflexiva a ideia central do filósofo Nietzsche ao escrever o *Anticristo*. Confrontar as ideias de Nietzsche com os conceitos estabelecidos pelo Cristianismo. Propor uma reflexão sobre os conceitos estabelecidos pelo cristianismo. Mostrar como o evangelho de Jesus foi modificado, passando de uma vida de inocência pura, para uma vida repleta de valores de decadência criados pela instituição religiosa. A proposta seria a transmutação dos valores. Inversão dos valores nos quais a vida é totalmente negada, para a criação de novos valores de crescimento e intensificação da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo, decadência, Jesus, transvaloração.

ABSTRACT: The following article seeks to present reflexively the central idea of the philosopher Nietzsche to write the *Antichrist*. Confronting the ideas of Nietzsche with the criteria established by Christianity. A reflection on the concepts established by Christianity. Show how the gospel of Jesus was changed, from a pure innocence of life, a life full of decay of values created by the religious institution. The proposal would be the transmutation of values. Inversion values in which life is completely denied, for creating new values growth and intensification of life.

KEYWORDS: Christianity, decay, Jesus, revaluation.

INTRODUÇÃO

Uma nova visão diante da vida. Essa é a proposta que Nietzsche apresenta em seu projeto filosófico. Nietzsche um grande pensador do século XIX, publicou obras desafiadoras relacionadas à vontade de potência. O *Anticristo* foi à declaração de guerra aos valores criados pelo cristianismo, que para o filósofo transformou-se no decorrer dos anos em valores de decadência e total negação da vida humana. A proposta de Nietzsche em sua obra seria a inversão dos valores. A criação de novos valores que resgatem o espírito dionisíaco de valorização da vida.

A pesquisa tem o intuito de conhecer melhor o pensamento nietzschiano e tecer reflexões sobre sua crítica ao cristianismo.

O trabalho é dividido em partes, nos quais o assunto da crítica nietzschiana se mostra inicialmente com a ilusão das causas e efeitos, que transformaram o indivíduo em um seguidor de rebanho. Apresentando a moral dos fracos tão citada na obra o *Anticristo*. A seguir a exposição do verdadeiro cristão na pessoa de Jesus, e a forma

como o sacerdote transformou o seu martírio em valores de plena decadência. Transformando o *Anticristo* na crítica mais forte de Nietzsche com relação à igreja e os seus valores niilistas. Por fim a proposta do filósofo que seria transformar em vontade de verdade ou valorização da vida, a negação e decadência criadas pelo cristianismo através da transmutação dos valores.

1. O cristianismo das causas e efeitos

Para Nietzsche o cristianismo está rodeado de fraqueza, tudo que é fraco e incapaz necessita de algo em que se acreditar e seguir. Os não livres como cita o filósofo, são os que por dedução sofrem, e se alguém sofre de um lado, deve por consequência, procurar de um outro lado, um prazer. Todo aquele que sofre busca a razão de tal sofrimento em si mesmo ou em outro. Quando o ser humano é incapaz de culpar a si mesmo pelo seu sofrimento, ele cria ilusões em busca de conforto. Ilusões para se deixar enganar, para transformar uma vontade do natural ou vontade de verdade em um refúgio decadente. Nietzsche cita em sua obra causas imaginárias como Deus e espírito, e os efeitos das causas como pecado e salvação. A realidade faz o ser fraco sofrer de tal forma que ele necessita de um mundo ilusório para justificar seu desprezo por tudo que é natural. Criações feitas pelo mesmo crente que sofre, e que por consequência merece um prêmio. Prêmio este, que viria a ser uma vida sem dor humana alguma no além- túmulo. A vingança do cristão, ou seja, daquele que crê em toda essa moral de decadência seria o inferno. Ao inferno então, todos os espíritos livres, todos os não cristãos. O ressentimento transformou o mundo em um agente que causa dor e sofrimento, em todos aqueles que não compactuam de alguma forma com o mundo das causas e efeitos absorvidos pela moralidade cristã.

Como meio de não se deixar enganar, a vontade de verdade assume a forma de um mundo verdadeiro, de um absoluto, de um *cogito*, que, ocultando a necessidade moral, irradia certezas e verdades. Nietzsche se impõe frente a essas mesmas verdades, intimamente ligadas à necessidade moral. A “verdade”, assim como aquelas concepções de “eu”, “sujeito”, “Deus”, “alma”, se apresenta a Nietzsche como realidade conceitual fixista e dogmática, inviabilizando a manifestação das pulsões instintuais, como processo de efetivação das forças, indispensáveis no que diz respeito à elevação da cultura. É precisamente no campo do ideal ascético que Nietzsche denuncia aquele ponto de confluência entre moral e vontade de verdade, como refúgio para aqueles que se eximem do vir-a-ser rumo ao sem sentido,

acabando por forjar nada mais que uma ilusão que possa dar justificativa ao seu existir [...] (FEILER, 2011, p.52/53).

Nietzsche critica a obsessão do cristão pela vida eterna, o homem transfere sua existência no mundo terreno para o além, fugindo da sua vontade de verdade. O Deus da moral é criado pelo filósofo como um apoio ou ponto de salvação para todos aqueles que estão cansados de viver. A fuga da realidade só é necessária para aqueles no qual, a existência seja um martírio. Surge então, a vontade de nada se contrapondo à vontade de potência. Necessita-se desprezar a natureza e seus instintos para encontrar na religião das causas e efeitos imaginários a psicologia das interpretações fictícias.

Quem terá razões para fugir da realidade através da mentira? Só a quem ela fizer sofrer. Mas sofrer pela realidade significa que se é realmente falho... O predomínio do sentimento de pena sobre o sentimento de prazer é a causa desta moral e desta religião fictícias; mas um tal excesso estabelece bem a fórmula para a decadência... (NIETZSCHE, 2007, p.49).

A partir dos questionamentos sobre a realidade e a mentira, o mundo real ou ilusório, se distingue a moral nobre e a dos escravos. Esta última por ser inferior e fraca não suporta a realidade na qual se é incapaz de criar valores. Necessitando desta forma da presença do sacerdote, constituindo um mundo platônico ideal, recheado de efeitos e causas para massagear o ego dos indivíduos mais incapazes e sem vontade. Para Nietzsche o espírito e o corpo se complementam, sendo necessário equilíbrio das unidades para que esteja completa a grandeza das forças. A luta da alma com o corpo só causa a mentira da moral, e a desvalorização do ser nobre e impiedoso, no ser típico de arrependimento e crenças em uma ciência natural imaginária. Todo ser que se volta contra o mundo real, aquele composto de pulsões instintivas, para um mundo repleto de ficções e uma teologia imaginária, é dotado de uma máxima fraqueza da cultura da decadência.

1.2 A religião de rebanho do Cristianismo

A moral de rebanho citada na obra o *Anticristo* se remete à decadência cultural, que é vista pelo filósofo como resultado da submissão psicológica, decorrente da realidade de mentira ou ilusória, imposta pelo cristianismo.

Nietzsche percebe a necessidade do indivíduo fraco de se reunir em rebanho, de socializar, se sente forçado a seguir suas regras e valores antinaturais que fogem ao instinto vital. Seria muito mais fácil para o indivíduo apenas seguir do que brigar sozinho por uma autoafirmação.

O apóstolo Paulo pregou o instinto de rebanho com a nova religião cristã, que se referia como pode ser constatado na própria bíblia, em uma espécie de inconsciente coletivo, servindo de referência moral às sociedades.

A crítica que Nietzsche direciona ao cristianismo com relação a esse instinto de submissão se refere à capacidade de domínio que o sacerdote possui.

O indivíduo é dotado de uma pluralidade e devido todas as diferenças naturais da espécie, se cria o instinto de disputa, a luta para superar a si mesmo e também o outro, como todo ser vivo que manifesta vontade de poder. Mas o cristianismo tem a função de domar a vontade de dominação, espalhando decadência e fragilidade em cada ser vivo. O indivíduo frágil só busca o niilismo, precisa ser igual, fugindo de tudo que é positivo e produtivo para engrandecimento da espécie.

A moral de rebanho se expressa na necessidade da comunidade. O que beneficia o rebanho é o que lhe é útil. Esta moral preza pela segurança e o bem estar, o indivíduo busca a felicidade na paz que a vida comunitária demonstra, não se fala em vontade de potência, mas apenas de busca pela domesticação para fugir do medo da exclusão do rebanho. Nietzsche pretendia romper com a moral de rebanho e trazer o indivíduo para a valorização da vida.

A moral dos fracos também citada pelo filósofo como moral de rebanho nega os instintos em nome da coletividade. O indivíduo só expressa a sua vida dentro do que é aceito e permitido socialmente. Renuncia-se a si, em nome do benefício do outro. De acordo com o cristianismo o indivíduo acredita que a felicidade ocorre em decorrência do cumprimento da moral. A moral é uma relação de dominação, na qual o homem sequer questiona seu viver.

A moral ensina ao homem a ser função de rebanho, e a se atribuir valor somente como função. Uma vez que as condições de conservação eram muito diferentes de uma comunidade para outra, resultam morais muito diferentes; e, se considerarmos todas as transformações essenciais que os rebanhos e as comunidades, os Estados e as sociedades são ainda chamados a sofrer, pode-se profetizar que haverá ainda morais muito divergentes. Moralidade é o instinto gregário no indivíduo.(NIETZSCHE, 2003,p.111).

A diferença entre os nobres e os escravos é basicamente a capacidade dos fortes de aceitarem suas particularidades, enquanto que os fracos ou escravos veem as mesmas como uma doença que só pode ser curada com o pensamento de rebanho. Absorvem assim, um modo de ser coletivo que venha a favorecer todo o rebanho.

O indivíduo então busca sair da sua individualidade para ingressar na igreja, aquela que tem por finalidade excluir os seus objetivos pessoais, para que venham existir em função dos ideais da instituição. Dependente psicologicamente o ser cristão não se vê mais fora do grupo, necessita do rebanho para se aceitar e do sacerdote, mestre do grupo, para lhe passar ordens.

Este é o pressuposto para se tornar um cristão: aceitar o plano de Deus que foi traçado. O problema é que o sacerdote defende como divino o plano que o próprio sacerdote traça para a vida do crente. Obviamente neste plano está contido o ascetismo que o próprio sacerdote defende. Cada um recebe este plano apaticamente sem nada questionar. Aqueles que ousam algum resquício de crítica são repreendidos e censurados e, se reincidentes, são condenados à exclusão do rebanho. Logo, o cristianismo por meio da consciência de rebanho que o cristão adquire ao se integrar ao grupo, tolhe a capacidade crítica, a auto-estima, a individualidade e responsabilidade pessoal (MIRANDA, 2010, p.51).

O sacerdote deseja pensar pelo seu fiel. A consciência de rebanho defendida pelo cristianismo, nada mais é do que a integração total do indivíduo ao grupo, para que sua capacidade crítica esteja totalmente conferida ao membro superior do rebanho. Ir em oposição ao sacerdote torna o ser humano pecador, este por vez repleto de culpa, acaba sempre obedecendo a todas as ordens como uma criança indefesa. Prefere morrer ao se imaginar excluído do grupo. Para Nietzsche essa consciência de rebanho ou medo da exclusão, só torna maior a igreja, mais repleta de seguidores, e cada vez mais distante do verdadeiro sentido cristão pregado por Cristo.

2. O verdadeiro cristão, Jesus

De acordo com o pensamento livre nietzschiano, Jesus não passava de um espírito bondoso e ingênuo, que baseou sua vida em uma prática religiosa totalmente distante do que prega o cristianismo da moralidade judaica. Cristo defendia o perdão e amor ao próximo como uma súplica de Deus, e essência de todo evangelho. O sentimento de comunhão que surgia no fato de que todos são filhos de Deus em

igualdade, deveria ser a ideia fundamental de todo o princípio cristão. Baseado em Renato Nunes Bittencourt:

Essa associação terminológica se justifica pelo fato de que Jesus propôs uma experiência religiosa que se distanciava da moralidade judaica desgastada pelo formalismo dos seus sacerdotes. A perpetuação dessa tradição vazia motivou o afastamento dos fiéis da prática religiosa efetiva, ocorrendo assim o distanciamento do homem em relação ao âmbito divino por causa da hierarquia sacerdotal; esta, ao invés de servir de catalisador do processo de interação do devoto para com a esfera divina, na verdade acaba por desligar essa conexão sagrada, estabelecendo uma imagem de Deus como uma personalidade transcendente ao mundo que somente pode ser alcançada mediante o cumprimento de ritos específicos. (BITTENCOURT, 2011, p.111).

O cristianismo possui a ideia que Jesus morreu na cruz para livrar a humanidade medíocre do pecado. Foi uma forma sutil da religião cristã apodrecer o pensamento humano com a ideia que Jesus morreu por nós, e por isso estamos em dívida moral com Deus. O que seria o oposto do que Cristo pregava, a experiência diária da beatitude seria a única forma de alcançar o reino de Deus. Para o Cristo único, o reino de Deus é um estado de espírito, fruto de uma vivência diária com o “aqui e agora”, vivência de amor, de serenidade e desapego a todo e qualquer bem material. Um dizer não, a todo tipo de revolta com o outro, ou seja, Jesus Cristo veio ao mundo para ensinar ao ser humano que o ódio pregado pelas instituições religiosas em tudo que é diferente do seu pensar, e a supervalorização das coisas materiais não estão em nada de acordo com os desejos de Deus, e desta forma, em nada concorda com o evangelho verdadeiro no qual pregava o puro Cristo. Por isso mesmo o Cristo que foi julgado pelos seus acusadores “cristãos” morreu, para ensinar ao mundo como se devia viver.

Jesus para Nietzsche está separado do Cristo que foi exaltado pela igreja. O *Anticristo* é dirigido contra Cristo, não contra Jesus.

O cristianismo é um mal entendido resultado de uma interpretação errada da vida de Jesus de Nazaré. Considerado pela teologia do pecado, da culpa e do castigo, transformou o nazareno em uma vítima expiatória de um sacrifício vicário.

O cristianismo se opõe ao ser cristão autêntico, consiste apenas a dogmas e ao fundamento da crença eclesial. Para Nietzsche o que há dois milênios se chama cristão não passa de um mal entendido psicológico. A obra o *Anticristo* se remete a buscar a solução, ou desfazer o mal entendido, trazer a tona o verdadeiro tipo psicológico de redentor.

Sem distância entre homem e Deus, Jesus pregara a religião do amor, na fuga de qualquer rigidez moralista. O abismo criado pela instituição religiosa entre Deus e o homem, conduziu Jesus à morte.

A característica de Jesus é a interiorização do Reino de Deus. Tratando-se de uma experiência pessoal e interior sentindo a beatitude em superação da culpa. O indivíduo sente-se no céu, sente-se eterno, só pela prática verdadeiramente cristã, distanciada de qualquer doutrina. Conforme os comentários de Renato Nunes Bittencourt:

O “Reino de Debus”, tal como compreendido por Nietzsche, encontra-se na disposição afetiva do indivíduo capaz de vivenciar a realidade circundante através da perspectiva da alegria e do amor. Tudo passa a fazer parte de uma grande unidade imanente, permeada pelo espírito de alegria que unifica todos os seres: trata-se da beatitude e da inocência do homem livre do peso do ressentimento e do medo, instrumentos de dominação moral utilizados pela casta sacerdotal cristã. (BITTENCOURT,2011,P.116)

O Cristo dos cristãos anuncia uma redenção futura, um julgamento futuro e uma vingança futura. Tudo que o divino Jesus, citado também como decadente, mais negou em vida, por gerar conflitos e ódio, é assumido pela igreja como sua boa nova.

Jesus afirma a beatitude na prática e não na fé, enquanto que Paulo reduz sua mensagem na fé e não na prática. A partir daí se inicia todo o equívoco chamado cristianismo.

3. A psicologia do sacerdote

A Bíblia contém a psicologia do sacerdote que se baseia em ignorar a ciência, e tudo de intelectual que esteja contido na existência humana. A igreja necessita de pessoas doentes e sofredoras, precisa que os seus seguidores sintam-se pecadores, e utiliza da psicologia da dívida para que o indivíduo sofra com o sentimento de culpa e se sinta cada vez mais pecador, para que assim necessite também sempre mais do sacerdote, como uma forma de recorrer a Deus em busca de sua salvação.

O sacerdote se coloca como o único capaz de tratar diretamente com a divindade, ou seja, qualquer outro só alcança sua graça através deste. Para Nietzsche o sacerdote é o criador da dependência humana religiosa. Criou o remorso, a culpa, e uma

frustração psicológica que só pode encontrar paz buscando seu sacerdote, frustração que cresce cada vez mais de acordo com os males causados por eles mesmos.

Ao mesmo tempo em que esta persuasão toma conta da mente do cristão, o cristianismo torna-se cada vez mais distante de uma explicação científica de seus efeitos porque nunca será admitida uma falha na explicação mística de suas manifestações. Não existe falseabilidade nas crenças do cristianismo, pois qualquer que seja o efeito desta crença sempre haverá uma explicação plausível que continua a afirmar a validade da crença.

Assim, se o cristão tem um efeito positivo em sua vida, atribui isto à crença, mas se tem um efeito negativo e inesperado atribui isto a uma falha ou insuficiência em sua crença. Logo, a crença cristã sempre estará certa e jamais será refutada por parte do crente (MIRANDA, 2010, p.56).

O cristianismo inventou a ideia falsa de castigo para o indivíduo se sentir pecador sempre que for contra o sentido que o sacerdote deu a vida, não se deve ver as coisas com razão, pois ela traz consigo um ser forte e este não é o tipo procurado pela instituição citada.

O sentimento de culpa lembra castigo, causando o medo de cumprir um ato “proibido” e ser julgado e punido por isso, ou seja, não alcançando uma imortalidade boa como a oferecida pela bíblia. O medo faz o indivíduo se submeter à crença, fechando os olhos para tudo o que possa ser contrário, pensado ou desejado. O pecado justifica o sofrimento. O ser humano necessita se sentir pecador para que o pecado exista, e assim sendo, possa após encontrar a felicidade ao se livrar dos pecados. A moral cristã se constitui no medo do castigo que é controlado pelo sacerdote. O medo e angústia perante a vida acarreta a busca do perdão de “Deus”. O sacerdote administra o perdão, visto que, ele fala por “Deus”. Assim sendo, este mesmo sacerdote julga o homem e controla seu comportamento por meio da moral cristã criada pela igreja. Coloca-se então a frente de todo sofredor e pecador que teme o castigo.

O sacerdote prega a busca da salvação mostrando que todo ser é pecador desde sua origem, fazendo com que o ser inferior seja totalmente submisso e assim exercendo seu poder e domínio sobre os homens.

O sacerdote torna-se intermediário entre a divindade e o rebanho que recebe ordens e diretrizes transcendentais e inquestionáveis. Aquele que faz parte deste rebanho é incapaz de questionar a aceitação e a validade das ordens, pois lhe é pressuposto que a divindade através de sua onisciência sabe necessariamente o que é melhor para o rebanho. Este é o pressuposto para se tornar cristão, aceitar o plano de Deus que

foi traçado. O problema é que o sacerdote defende como divino o plano que o próprio sacerdote traça para a vida do crente. Obviamente neste plano está contido o ascetismo que o próprio sacerdote defende. Cada um recebe este plano apaticamente sem nada questionar (MIRANDA, 2010, p.51).

O homem se sente cada vez mais prisioneiro da moral cristã. Nietzsche aponta como maior malefício desta moral, a domesticação do humano a com ela a negação da vida, a transformação do homem saudável em um doente repleto de valores niilistas. Para Nietzsche tal exercício seria a vingança sacerdotal.

Para exercer seu poder necessita que exista o pecado e seus seguidores pecadores, já que, sem o pecado seria desnecessário até a existência deste manipulador da verdade. O sacerdote possui a função de promover a luta contra o ressentimento, e esperança da salvação do homem, pelo pecado adquirido pela consciência de culpa do ser em si. Tudo que remete ao corpo, a vontade, o prazer, a alegria, foi transformado em pecado para a enfermidade das massas.

Se as consequências naturais de um ato já não são naturais, senão que se imaginaram provocadas por fantasmas da superstição, por “Deus”, “espíritos”, “almas”, como consequências puramente “mortais” como recompensa, pena, advertência, meio de educação, é que a condição primária do conhecimento está destruída, é que se cometeu o maior crime contra a humanidade. O pecado, digamo-lo uma vez mais, essa forma de poluição da humanidade excelência, foi inventado para tornar impossível a ciência, a cultura, toda a elevação e toda a nobreza do homem; o sacerdote reina pela invenção do pecado. (NIETZSCHE, 2007, p.87/88).

O sacerdote ascético como um “bom pastor” de rebanho, transformara o homem através do seu projeto de domesticação, em um ser que tudo teme, formalizando a decadência humana completa. O sacerdote controla o comportamento das pessoas e sua busca pela felicidade eterna por meio da moral. A moral cristã controla seu pensamento, seus sentimentos e dita sua vida através do intérprete de Deus. Desta forma estava completa a domesticação, a fé se tornou mais importante do que a própria verdade.

3.1 Valores de decadência

A crítica mais forte de Nietzsche foi a da corrupção da vida realizada pela igreja. Essa acusação moral é citada na obra *Anticristo* como valores de decadência ou valores de *décadence*. Seria uma luta diária contra os instintos, ou seja, tudo que eleva a vida e afirma um crescimento é tratado como um desvio de desvalorização a vontade de potência. Nietzsche afirma:

Entendo corrupção, já se adivinha, no sentido de *décadence*: minha afirmação é que todos os valores nos quais a humanidade enfeixa agora sua mais alta desejabilidade são valores de *décadence* (NIETZSCHE. 1991, p.127).

O cristianismo se coloca em oposição à natureza e aos instintos, negando de todas as formas a vida, o intuito básico da instituição religiosa nada mais é do que domar o instinto, numa forma de enclausurar a essência humana. Assim, mais uma vez se pode observar o modo consciente desta, em tornar pecado tudo que se opõe a esse pensamento de domesticação.

O cristianismo como negação da vida revela através dos valores morais tudo que enfraquece a vida, e isto para Nietzsche é inaceitável.

O ser humano vive em um constante conflito entre sua natureza e sua consciência cristã, moldada diariamente pelo sucessor da verdade ou sacerdote.

Isso gera um conflito psicológico entre sua natureza e sua consciência de modo que passa a se incomodar com seu viver, seu corpo, sua vida. Vê neste conflito entre consciência e na natureza instintiva uma constante luta entre a carne e o espírito que deve acontecer a partir do momento que se torna cristão. Acredita que sua tormenta terrena não passa de uma provação que será recompensada com um galardão celeste. Logo, o cristão passa a odiar o mundo, a carne, a natureza, o corpo, os instintos, como se esses quisessem levá-lo constantemente para o abismo eterno (MIRANDA, 2010, p.33).

A humanidade forte valoriza seus instintos e sentimentos, não sente vergonha da sua natureza ou do seu corpo e tem consciência de suas vontades. A religião necessita enfraquecer o indivíduo para que sua existência no mundo não passe de um pecado original, e os instintos não passem de vontades corrompidas pelo erro inicial, o de existir.

A religião da decadência segue a fórmula da negação da vida. Uma religião que prega a fuga dos instintos e remete uma valoração do oposto da vontade de potência. Um ser fraco, nega sua vontade afirmativa de vida, critica a natureza e o mundo.

A moral cristã decorrente do conjunto de valores cristãos apresentados pela igreja é a vingança da vida. O ser humano se torna tão fragilizado pela presença de tais valores que se sente guiado por Deus a todo instante, sendo capaz de sua própria consciência ser contra determinado ato, e o ser domesticado crer que se trata de uma reprovação divina. A consciência incomoda o ser vivente tanto que todos os instintos naturais são reprovados pela sua consciência domada. A vida não tem sentido algum devido à ausência total de valor da vida terrena. Apenas a vida além-túmulo é desejada e boa, um mundo que está por vir, para o bem ou para o mal, é a justificativa de vida do ser sem vontade de potência.

Para Nietzsche, essa oposição ferrenha que o cristianismo faz à vida se baseia numa hiperestimação de um mundo metafísico-imaginário. Esse mundo imaginário é criado com antítese do mundo real e tudo o que é temido, censurado e indesejado neste mundo do aquém desaparece no mundo do além. Essa hipervalorização do Além causa uma desvalorização do aquém, tirando de nossa existência todo o centro de gravidade e fazendo com que a vida torne-se uma mera existência permeada por dor, sofrimento e insatisfação e que se finaliza com a morte. Nada há de estimulante e animador nesta existência capaz de justificá-la, de dar sentido a ela (MIRANDA,2010,p.35).

A crítica ao cristianismo que ao longo da história só comandou o agrupamento das massas diminuídas e iludidas pelas mentes poderosas dos decadentes se transformou para o anticristão Nietzsche, em valores de decadência.

A religião da decadência por excelência nasce com o fundador do cristianismo de acordo com Nietzsche, o apóstolo Paulo. E a ele se remete a crítica seguinte.

3.2 Paulo o manipulador da verdade

De acordo com o filósofo não foi Cristo que disseminou esta oposição que o cristianismo faz à vida e a toda naturalidade que nela existe. Mas sim, o apóstolo Paulo, o maior alvo do seu ataque crítico.

O cristianismo se desenvolveu sob o comando dos apóstolos após a crucificação de Cristo. O mundo e todos os valores foram substituídos por uma fábula criada por Paulo, que seria o inventor do além no cristianismo, e sua invenção foi a que venceu. Nietzsche declara que o Deus de Jesus Cristo não é o mesmo Deus de Paulo o

apóstolo, pois em Cristo já estava o próprio Deus, que feria todas as instituições. As mesmas que Paulo defendia.

Jesus foi uma figura de carisma excepcional que sofria opressão dos romanos. Não existia pretensão nenhuma deste cristão em liderar uma revolução política. Sem haver pretensão alguma também, na criação de uma nova religião. Não deixando nada escrito o Cristo Jesus, mas apenas ensinamentos verbais, a sua mensagem repassada ficou a critério dos seus seguidores.

Após a morte de Cristo, Paulo o mensageiro da boa nova forjada, deturpou os ensinamentos de amor de Cristo, disseminando o cristianismo como conhecemos hoje.

O verdadeiro cristão fundador do cristianismo nada deixou escrito e acabou na cruz. Paulo usou o martírio de Cristo para atrair pessoas através da piedade humana para causa cristã ou o sacrifício da negação dos instintos naturais.

Paulo obtém o êxito de seu intento de elaboração teológica através da associação entre a morte de Cristo e a salvação, remissão da culpa da humanidade. Por isso, Paulo estende a culpa a toda a humanidade, de modo que o homem por si mesmo jamais consegue escapar dela, senão mediante a fé em Cristo, único mediador com o Pai (FEILER, 2011, p.75).

O apóstolo transformou uma mensagem universal de amor em uma religião decadente e dogmática, consagrando o cristianismo de Paulo. Um movimento de culpa e de remorso, que possui sua submissão na fé à religião, para garantia da salvação eterna.

De acordo com Nietzsche, Paulo consegue associar a morte de Cristo com a salvação, estendendo toda a culpa a humanidade. O apóstolo da negação transformou em conceitos de culpa e recompensa os valores indispensáveis para edificação da igreja. O revolucionário desejava levar a mensagem do cristianismo a todos os povos.

Paulo foi o responsável pela falsificação da vida e também da morte de Jesus.

A visão de Jesus ressuscitado é a prova da imortalidade pessoal, partindo daí a ideia de salvação da alma, vida eterna. O falsificador da realidade conseguiu seu objetivo com o martírio de Jesus, buscava atrair para si toda a massa de desesperançados.

A teologia de Paulo tem como apoio a falsidade, sem ela sua doutrina não existiria. O mensageiro nega toda intelectualidade. Coloca na mente do cristão que sua fé é o único artifício para se obter o paraíso.

Paulo precisa negar a “sabedoria do mundo”, isso significa, para Nietzsche, que ele tem que negar, em primeiro lugar, a medicina e a filologia, visto que, com sua fé, o cristão precisará negar a noção de causalidade natural, isto é, ele precisa ver sua condição decadente como causada por uma escolha pessoal, por sua crença, e não ver que essa mesma crença é, pelo contrário causada por sua condição decadente (SENA, 2012, p.477).

As causas imaginárias, o pecado, tudo foi criado para explicar a sensação de fraqueza, e só resulta na negação total da vida. Paulo manipulou a herança de Cristo, criou a religião da culpa, e inventou o seu próprio Deus. Não satisfeito colocou na boca de Deus que seus escolhidos são os fracos e pobres de espírito.

4. A psicologia do engano

O cristianismo tal qual apresentado pela igreja servia-se da razão enferma, a fé doentia que era necessária em todo espírito cristão transformava todo indivíduo em um fraco pecador. Fechando os olhos para si mesmo e acreditando que o pequeno pensamento da dúvida seria um pecado tão aterrorizante quanto o pensamento de um descrente ou anticristão como se retrata o próprio Nietzsche.

A incapacidade de se opor a essa escravidão psicológica só poderia formar um exército de doentes, indivíduos carentes de inteligência e completamente submissos da teologia da salvação.

De acordo com Nietzsche, a origem desse processo remontava aos tempos da Palestina ocupada pela raça romana (de senhores). Segundo o filósofo, o Cristianismo poderia ser comparado a uma doença maligna que havia atacado o Império Romano. Os judeus purificaram um discurso que, segundo Nietzsche, provocou uma inversão de valores morais. A difusão da igreja primitiva, no primeiro século da era cristã, proporcionou ao mundo a desqualificação do homem da compaixão e piedade que, de acordo com o referido autor, inseriu no cerne da raça humana a vergonha, capaz de retrain e emitir os instintos do homem, tornando-o um mero reprodutor da vontade divina (NOVAES, 2011, p.32).

A doença religiosa se apropria do indivíduo de tal forma que a realidade e a natureza dos seres são transformadas em medo, o medo do desconhecido. Pois é assim, que Deus é apresentado pelo sacerdote ao seu povo. Aquele no qual se deve temer. O medo leva ao sofrimento, e o remédio para curar-se desta angustia, seria permanecer na idolatria, esperar que em algum momento seu destino fosse modificado pelo divino, transformando sua existência em graça e conforto.

O homem doente mergulha em uma loucura cristã que cruelmente acusa, agride, odeia, e despreza toda a realidade criticada pelo cristianismo. Para isto que a igreja existe no pensamento de Nietzsche, para corromper psicologicamente a sanidade da humanidade.

A cegueira da cristandade levou o nome de fé cristã. Para o filósofo a fé boa não transforma o homem em medíocre, mas sim preserva Cristo e o real conceito de bem e mal, conceito da essência, puramente divina e distante de qualquer tragédia de negação da vida.

Para o filósofo a providência divina tão presente na existência humana, não passa de meros acasos que o indivíduo por fraqueza e por medo, remete a Deus com o termo conhecido até nos dias atuais como a “misericórdia divina”. A “providência” surpreende o indivíduo tanto que ele se recusa a duvidar, se sente um sujo ao pensar por um segundo sequer que foi apenas um mero acaso. Desta forma, o indivíduo volta para o início de todo o pensamento em que o cristianismo se baseia, a fé ignora a verdade, e crente bom é o crente doente e psicologicamente carente da igreja.

Fé é intitulada como algo de pouco valor, sendo o cristão uma figura lamentável, dotada de um extravio da razão e da imaginação. A ética instituída pelo Cristianismo é percebida como uma moral de povos escravizados e dementes, que obedecem a uma religião que promete muito e cumpre pouco. Ao contrário do que alguns pensam, Nietzsche não tece uma declaração de repulsa ao Evangelho, mas, sim, ao fato de a felicidade real desta vida ser substituída por uma felicidade prometida para uma outra vida (NOVAES, 2011, p.32).

Nietzsche afirma que desde a fundação do cristianismo ocorre uma incompreensão dos seus seguidores cristãos, que dirigem a explicação da sua religião no sobrenatural. Acreditando que todo sofrimento ou angústia, próprios da vida humana, são vistos como doença pelo cristão, ou seja, tudo que é natural é enxergado como uma doença que só a religião pode curar.

O cristianismo construiu seus alicerces sobre esses enganos psicológicos. A falsa psicologia declarada aponta-se através da fé. A própria fé prejudica qualquer análise científica.

Sendo assim, o indivíduo despreza os valores nobres e a razão científica. O cristianismo se sustenta à custa da boa fé dos fracos. Pois só uma pessoa sem o menor uso da razão ou conhecimento científico poderia acreditar nos milagres do cristianismo.

Nietzsche com isto denuncia a falsa psicologia que o cristianismo usa para levar a cabo seus intentos. Cria fantasias e milhares de superstições que levam a uma concepção errônea sobre a causa de tais efeitos. No entanto, a fé em tais efeitos é suficiente para pessoas que em sua maioria são rudes e iletradas e não estão minimamente preocupadas com a questão epistemológica em tais assuntos. Mais uma vez a razão é deixada de lado, pois o cristianismo a demoniza e censura como um instrumento contrário à fé. Como de costume, o cristianismo torna impuro e censura tudo o que possa se tornar um obstáculo à sua ânsia de conquista. A ciência e a razão são por isso consideradas pelo cristianismo como inimigas (MIRANDA, 2010, p.54).

Assim, constata-se a fundamentação desse engano psicológico que o cristão doente tanto respeita e segue. Explica-se pela ação tranquilizante que acontece na mente do cristão, e que é usada de diversas formas pelo sacerdote como um bom manipulador, não importa se vem a tratar-se de um engano. O seu efeito é experimentado e desejado sempre mais. O tranquilizante psíquico da religiosidade. Após todas as críticas que Nietzsche faz à religião, surge o objetivo maior do filósofo, propor a todos os espíritos livres uma inversão ou criação de novos valores.

5. A transvaloração dos valores

Nietzsche lança contra a igreja todo seu rancor e desprezo. Remete a ela toda a corrupção da alma, e a transformação da verdade em uma mentira. O livro o *Anticristo* foi à proposta mais crítica e objetiva da moral. Sempre radical se nomeou como anticristão para evidenciar ou buscar a transmutação dos valores, ou seja, a inversão dos valores criados pela igreja, que transformara toda a natureza em angústia, pecado e fraqueza. A criação de novos valores surgirá através de uma nova cultura. Para o filósofo não há pecado na vida e sim inocência, sendo desnecessária a necessidade de

salvação. A obra o *Anticristo* é a prova de amor com a realidade ou verdade, em um mundo real que está aqui, e não no além.

Sob este aspecto percebe-se que Nietzsche escreve para um público posterior a sua época, bem além do seu tempo. Um pensamento renovador que culpa o cristianismo pela pior doença da humanidade, a cegueira religiosa e a obsessão por valores morais que só enfraquecem o indivíduo pouco a pouco até torná-lo apenas mais um seguidor que não reflete, apenas obedece. É exatamente essa realidade cristã que Nietzsche deseja modificar.

O filósofo, por isso, dotou o seu *Anticristo* com um objetivo fundamental, o de prepara a humanidade para a grande comoção cultural que se aproxima em virtude do niilismo que, como constata Zarathustra, cada vez mais oprime e enfraquece. Nietzsche em nada ameniza o ímpeto de seus posicionamentos presentes nos aforismos que compõem o *Anticristo*. Neste sentido, projeta um horizonte de proporções que lhe permitam ir além daquela sombra fria e monótona que a civilização cristã tem arquitetado. Deseja com toda a audácia fazer frente a esta natureza asfíxiante e doentia que tem forjado o homem atual, a respeito de quem alimenta o seu grande desprezo. Coloca-se, por isso, fora de sua época, cuja atemporalidade torna-se uma das marcas imprescindíveis da transvaloração (FELICIO, 2011, p. 89).

O projeto de transvalorização considera Jesus Cristo como único cristão que realmente existiu, pois só ele viveu até o seu último dia tudo que pregou. Nietzsche vai contra todos os valores que transcendem à existência humana. Como um bom destruidor se coloca a frente da humanidade, aquele que vai contra a ordem vigente, o que pensa por si. O crítico fervoroso de Paulo, o apóstolo que para o filósofo, destruiu tudo de puro que devia existir na religiosidade transformando-a em submissão, angústia e medo.

O cristianismo como religião niilista não passa de uma negatividade de espírito. Cristo distribuía amor, a igreja distribui rancor.

Segundo Nietzsche, o cristianismo se tornou moralista e por consequência hipócrita. Lembrando que o filósofo critica o cristianismo, mas de certa forma isenta Jesus Cristo de tais críticas.

O cristianismo autêntico é entendido como uma prática e não como um conjunto de juízos morais que não elevam em nada a vida.

[...] a prática genuinamente cristã, a qual está isenta de qualquer crítica de sua parte, não é um ideal a ser seguido, mas um modelo de prática possível em qualquer época e distintivo daqueles que são

verdadeiramente cristãos. Podemos ver aqui que esse cristianismo que ele chama de genuíno tal como viveu Jesus é o que caracteriza o cristão e não suas crenças em preconceitos morais. Tal cristianismo seria uma religiosidade possível e defendida por Nietzsche (MIRANDA, 2010, p.76).

A intenção de Nietzsche através da obra o *Anticristo* é demolir a base do fundamento metafísico, a partir do qual os valores da tradição cristã foram erigidos, e demonstrar que essa base que se apoia em valores divinos, não passa de uma construção totalmente humana. Os valores cristãos desprezam a vida e o corpo e por isso para o filósofo são valores niilistas. Completa ainda, afirmando que é necessário o equilíbrio entre os valores vitais (espírito dionisíaco) e a razão (espírito apolíneo) para que seja possível inverter os valores tradicionais cristãos. Essa afirmação da vida é chamada de transvalorização de todos os valores. Baseada em trazer os homens à conscientização de que a vida na terra tem que ser valorizada.

Depois do cristianismo a vida tornou-se cansativa, viver significa está enfermo, fraco, e dependente de uma divindade que tentasse explicar sua própria fraqueza espiritual.

Nietzsche então busca apresentar os valores da tradição cristã como nocivos à vida e totalmente opostos a vontade de potência. A transvalorização de todos os valores é a proposta da criação de novos valores humanos, que estejam a favor do crescimento e intensificação da vida.

CONCLUSÃO

Por este trabalho procurou-se compreender a forma como Nietzsche mostrou que o modo de vida cristão é um modo de vida de seres doentes e fracos. A apresentação crítica de Nietzsche com relação ao cristianismo e manipulação de Paulo.

No decorrer das partes apresentadas ficou exposta a relação de desvalor que Nietzsche remete à moral cristã. Os valores morais são representados como destruidores de tudo que é essencial à vida terrena. O cristianismo que deturpou por completo a ideia

de virtude, sendo culpado pela decadência humana. E apresentação de Jesus como único cristão que realmente existiu.

Para o filósofo o indivíduo é domesticado diariamente pelo sacerdote para negação total da vida.

Compreende-se então que o trabalho baseia-se na crítica de Nietzsche sobre os valores apresentados pelo cristianismo e a falsificação da figura de Jesus, resultando em carência religiosa e fraqueza humana. A pesquisa mostra que Nietzsche propõe um novo caminho, que possa surgir de uma cultura superior. A destruição de antigos valores, a fim de se estabelecerem novos. É necessário refletir sobre a proposta apresentada por Nietzsche que seria mostrar que só aquele que faz do cristianismo uma ação e não simplesmente uma fé, torna-se um autêntico cristão. Buscar compreender a fraqueza gerada por esta instituição, e perceber que o entendimento dessa inversão de valores proposta pelo filósofo só aumentaria o sentido e a intensificação da vida. Em suma, A afirmação da vida através da busca de novos valores.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Renato Nunes. **Nietzsche e a idiotia divina de Jesus**. 2011. N° de folhas: 119. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FEILER, Adilson Felício. **Nietzsche: sujeito moral e cultura cristã**. 2011. N° de folhas: 107. [recurso eletrônico] / Adilson Felício Feiler – Dados eletrônicos – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

MIRANDA, João Marcos Tomás da Cruz. **Nietzsche e a morte de Deus: Críticas ao cristianismo e religiosidade alternativa**. 2010. N° de folhas: 100. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NOVAES, James Fábio. **Nietzsche: uma crítica ao Cristianismo**. 2011. N° de folhas: 35. Graduando – Centro Universitário de Patos de Minas, Patos de Minas, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas/ Friedrich Nietzsche**; seleção de textos de Gerard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores)

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia Ciência**. Tradução: Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

SENA, Allan Davy Santos. **Nietzsche e o tipo psicológico do redentor**. 2012. N° de folhas: 535. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.